

Crise Mundial e a Educação



Material para debate



- **A crise financeira e a educação**

* Luiz Carlos Paixão

- **Guerra e Paz: o capitalismo sem espírito**

* Olgária Mattos

- **O Fórum Social Mundial e a crise global
(A Recusa ao Império)**

* Francisco Carlos Teixeira

- **2009: Destino da América Latina nas mãos da América Latina**

* Emir Sader

A crise financeira e a educação

* Luiz Carlos Paixão

“Triste fim do neoliberalismo. Ninguém para comemorar ou chorar”

Faço minhas as instigantes palavras do professor Romeu Gomes de Miranda, atual presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná. Estas retratam bem o momento em que o mundo vive. Estamos imersos a mais uma das grandes crises cíclicas do capitalismo mundial. Esta, causada em muito pelas políticas neoliberais aplicadas na maior parte dos países do mundo sobre a orientação dos grandes grupos econômicos e dos organismos financeiros internacionais. Ironicamente, em meio a tão propalada crise, os árdus defensores do neoliberalismo no passado, (inclui-se aí a grande mídia) são os mesmos a agora criticá-lo e a apontar novas saídas para a organização da economia mundial. Saídas que têm como objetivo reorganizar o modo de produção capitalista. Sem sombra de dúvidas, estas não vão ao encontro dos anseios do movimento organizado dos trabalhadores do mundo. Este, em boa parte, sabe que a reorganização capitalista representará mais injustiça e pobreza do mundo. Parece contraditório. Mas, quanto mais o sistema capitalista se desenvolve, mais aumenta a concentração da riqueza produzida por muitos nas mãos de poucos. E, na mesma proporção, alastra-se a miséria pelo planeta. Quanto mais avança, mais coloca o planeta em risco.

Educação - Para nós da educação, o fracasso do neoliberalismo tem um sabor muito especial. Isto mereceria uma comemoração em cada escola do Paraná. Infelizmente a correria e as responsabilidades do dia a dia nos amortecem, e muitas vezes nos desorganizam. Durante os anos 90, nós, trabalhadores em educação do Paraná, fizemos uma luta sem trégua para combater o ideário e as proposições do neoliberalismo.

A educação pública correu o sério risco de ser privatizada. Tentaram desregular a carreira dos educadores, reduziram-se a oferta e a qualidade do ensino público. Os sindicatos e os movimentos sociais foram eleitos pelo estado como “personas non grata”. A resistência da APP-Sindicato e de outros movimentos organizados da sociedade foi fundamental para o enfraquecimento das proposições neoliberais no Paraná.

Os capitalistas neoliberais de ontem defendiam com toda a convicção e empáfia a redução da intervenção do Estado na sociedade. O estado deveria ser mínimo. O mercado regularia a economia. Atividades do Estado são transferidas para a sanha do mundo do lucro capitalista. Saúde, educação, moradia, segurança de qualidade são para poucos. Poucos com dinheiro. O Estado Nacional é eleito como o grande vilão. Quebram-se todas as barreiras para a circulação livre e irrestrita do capital financeiro. Esta financeirização (deslocamento da economia real) é apontada agora como uma das principais causas da crise. Os defensores do Estado mínimo de outrora são os mesmos que, nesse momento, desesperados, suplicam a intervenção e o dinheiro do Estado para manterem os seus patrimônios. Precisamos ficar atentos. Estes querem agora um estado máximo para os interesses do capital e mínimo para as demandas sociais.

Este é um momento delicado para a luta sindical. A cada dia somos surpreendidos com demissões de trabalhadores no mundo todo. Os governos nacionais, em desespero, tentam salvar o grande capital e os trabalhadores começam a pagar uma conta que não é sua. Basta ver o que está acontecendo com os companheiros e companheiras das montadoras de automóveis, um dos primeiros a serem afetados pela crise. Este é o momento de superação para o movimento sindical. Precisamos unificar todas as nossas forças, rompendo com as amarras do corporativismo das mais diversas categorias, para redefinir uma estratégia mundial de combate ao sistema capitalista, produtor de todos os tipos de desigualdade e da pobreza. Nosso desafio é caracterizar esta crise. Esta não é simplesmente uma crise financeira. É uma crise política e ideológica de um modo de organização social. Nós trabalhadores do mundo temos o desafio de construir uma alternativa ao modo capitalista de organizar a vida. Quando o muro de Berlin caiu no final dos anos 80, as idéias neoliberais, então adormecidas, ganharam hegemonia no mundo, graças à ação dos capitalistas.

Temos que fazer a nossa parte. Não queremos mais do mesmo. A história nos propicia um momento ímpar para a construção de uma outra

sociedade. Finalizo com as sábias palavras de um trabalhador captadas pelo professor José Lemos. Crise? Desde que nasci vivo a crise. Com dificuldades para morar, estudar e me alimentar. Esta crise do capital não é a nossa!

* *Luiz Carlos Paixão da Rocha* é professor da rede estadual de ensino e secretário de Imprensa e Divulgação da APP-Sindicato

Guerra e Paz: o capitalismo sem espírito

* *Olgária Mattos*

Na pulsão contra-humanista do capitalismo contemporâneo não se reconhece dívida simbólica com o passado de quem o tem. Na impossibilidade de fazer da história do Outro um bem comum compartilhado, opta-se por sua destruição. Os EUA reduziram a escombros o Museu Arqueológico de Bagdá. Israel bombardeou a Universidade de Gaza. No exercício da razão do mais forte revela-se a vontade de destruir a vida biológica e a vida do espírito. A análise é da filósofa Olgária Mattos, em seu artigo de estréia como colunista da Carta Maior.

Olgária Mattos

A situação dos palestinos na Faixa de Gaza, sob o poder da tecnologia bélica do Estado de Israel e de seu militarismo expansionista, expressa, de maneira cabal, a condição de suas vítimas: o crime justificado pela lógica da “guerra justa” e da destruição em nome da segurança e da paz. Ao limbo jurídico no qual, hoje, Israel exerce a soberania, a Idade Média denominou “estado de exceção”. Se, historicamente, os Estados nacionais se fundaram em algum tipo de violência, também é verdade que só se mantiveram e prosperaram porque acederam à legitimidade. Na dificuldade em consegui-la, o Estado de Israel exerce o poder ab-solutus e o terror, acima do concerto das Nações.

A partir da Primeira Guerra Mundial - com o fim dos campos de batalha e o bombardeio de populações civis desarmadas - , o mundo inteiro tende a se converter em trincheira, cada indivíduo transformado em um puro objeto sem defesa, simples alvo em uma zona de tiro.

Na contramão da violência nua, os bens culturais materializam os esforços da humanidade para se humanizar. Assim, os lugares de memória, escolas, universidades e museus.

O Museu Arqueológico de Bagdá era o guardião da primeira história do homem, lá onde, segundo o relato bíblico, tudo começou. Entre o Tigre e o Eufrates, viveram Adão e Eva. Aí se gestaram a civilização e a vida. O museu não foi conquistado pelas forças militares norte-americanas, por

um comando que, admirando seus bens, usurpava-os para si. Dele só restaram escombros.

Na pulsão anti-genealógica do capitalismo contemporâneo - anti-intelectual e contra-humanista - não se reconhece dívida simbólica com o passado de quem o tem. E na impossibilidade de fazer da história do Outro um bem comum compartilhado, houve ainda o bombardeio da Universidade Palestina da Faixa de Gaza e da Escola cuidada pela ONU.

Desde a Academia de Platão, do Liceu de Aristóteles e do Pórtico dos estóicos, Escola e Universidade constituíram um espaço de autonomia e liberdade a que demagogos do povo, polícia e exércitos não tinham acesso. Produzindo a vida do Espírito, sua função é a de desenvolver conhecimentos, aprimorar os costumes, elevar o indivíduo e sublimar o povo. Com a percepção aguda da brevidade da vida e da fragilidade das coisas humanas, escolas, universidades e museus são os guardiães que transmitem, ao longo das gerações, tudo o que é preciso lembrar e interrogar, e o que é digno de renome e fama.

No exercício da razão do mais forte revela-se, porém, a vontade dos poderosos em destruir, além da vida biológica, a vida do espírito; e o desejo do povo de viver em paz. A paz - estado de tranqüilidade moral - só acontecerá, como anotou Simone Weil, quando os homens deixarem de enaltecer a força, valorizar a violência e humilhar os vencidos. “Duvido que seja para já”.

* *Olgária Mattos* é filósofa, professora titular da Universidade de São Paulo

O Fórum Social Mundial e a crise global (A Recusa ao Império)

* *Francisco Carlos Teixeira*

No imediato pós-Guerra Fria. Desde 1991, quando o então Presidente George Bush (sênior) declarou - no day after da vitória na primeira Guerra do Golfo (1990-1991) - a emergência de uma nova ordem mundial colocou-se a questão da natureza deste mundo surgido de mais uma vitória.

As mazelas da Guerra Fria (1947-1991) eram por demais evidentes. Em primeiro lugar o risco de aniquilação termonuclear total, expressa na condição MAD/Mútua Destruição Assegurada. Era o equilíbrio do terror. Na periferia do sistema de poder mantido pelas então superpotências – EUA e URSS – explodiam guerras violentas e cruéis, como na Coreia, nos anos '50; no Vietnã, nos anos '60 e em Angola nos anos '70. O corolário da “Bipolaridade” era o tremendo antagonismo entre os dois sistemas que se queriam validos universalmente, capitalismo e comunismo.

Os Estados Unidos emergiam do conflito com a URSS como o único poder “global” – palavra que, saída de um comercial de cartão de crédito veiculado em mídia mundial, tornar-se-ia a denominação genérica da nova ordem mundial.

Naquela ocasião a maior parte da mídia, e também vários acadêmicos, apressam-se em declarar os Estados Unidos o último “império” do planeta. Não no sentido da última ocorrência na história, mas, como significando a própria realização da história. Nada haveria depois da hegemonia total, ou global, da América. É neste sentido que a noção de fim da história de Francis Fukuyama – exagerada pelo autor, mas muito mais pelos comentaristas – é concebida como a marca registrada da nossa época. A vitória final dos Estados Unidos seria a vitória dos regimes liberais representativos (apenas aparentemente democráticos) e da economia de mercado. As idéias “velhas” – e graças ao mega-sucesso de Stevie Spielberg, denominadas desde logo de “jurássicas”- sobre a regulação econômica, sobre o Estado de Bem-Social e de controles da sociedade sobre os agentes econômicos, foram consideradas simplesmente insuportáveis.

A vitória destrutiva do liberalismo - A destruição de barreiras e entraves ao livre fluxo de capitais e a demolição sistemática dos anteparos sociais que deveriam proteger grupos, classes e minorias menos dotadas eram as únicas metas possíveis de qualquer política econômica. Somente nos anos imediatos ao “boom” de 1870, ou os “Anos Loucos” dos '20 (do século passado) podem ser comparados com a apologia aos méritos da “mão invisível” como gerente geral do capitalismo.

Logo após as eleições de Margareth Thatcher e de Ronald Reagan (1979/1980) pareceria ao observador cuidadoso que os diversos matizes do socialismo e, mesmo, do keynesianismo regulador, estavam definitivamente condenados à lata de lixo da história. Ao mesmo tempo, embora poucos se dessem conta disso naquele momento, o próprio pensamento econômico e social no Ocidente entrava em decadência. Os grandes debates econômicos foram substituídos pela mágica da micro-economia, como os operadores do mercado substituindo os pensadores.

Por toda a parte, mas especialmente na mídia globalizada, surgiam “intérpretes” do chamado “mercado”. Este era transformado em uma entidade antropomórfica, dotado de sentimentos e, mesmo, de uma psicologia própria. Assim, conforme as grandes redes de televisão, o “mercado” variava de “otimista”, para “pessimista”, ou mesmo “nervoso”. Num exemplar fenômeno de transferência na mesma proporção em que os indivíduos eram incorporados na nova ordem como “coisa”, mera mercadoria, o mercado assumia as prerrogativas típicas da pessoa humana. Os livros de auto-ajuda, uma espécie de evangelho sacrílego do sucesso pessoal, ensinavam e impunham a idéia de um indivíduo padrão, sempre positivo, em eterna prontidão, inteiramente despido de qualquer nuance de subjetividade. O “mercado”, bem ao contrário, tornava-se cada vez mais sensível, subjetivo, idiossincrático.

Pessoas desumanizadas e entidades fantasmáticas antropomorfizadas: este foi, e ainda, é o clima mental regressivo da globalização proposta no alvorecer do novo milênio.

Resistência e Inovação nos Movimentos Sociais - O desmonte desta burocracia pode ser naquele momento, popular em virtude do seu papel espoliador das próprias massas populares que deveria promover e assistir. Contudo, tal consenso em torno de um Estado dito “mínimo” acabou por revelar, com rapidez, sua face perversa. Junto com as grandes empresas estatais – ineficientes e oligárquicas – também eram desmontados sistemas de educação, de saúde, de transporte ou de construção de moradias. Em alguns países radicalmente pobres, até a água era privatizada, como no caso da Bolívia. Na maioria das vezes, os serviços, sempre caros, não correspondiam minimamente às necessidades da maioria da população.

Ao mesmo tempo em que a “velha” Ordem ruía, em alguns países, em especial na América do Sul, surgiam novos movimentos sociais altamente reivindicatórios, muitos radicalizados, revelando que o fim da história havia sido anunciado prematuramente. Grupos sociais secularmente marginalizados, espoliados em seus direitos, tratados com arrogância e crueldade, aproveitaram-se da ordem liberal e criaram no seu interior tensões que ela mesma não estava preparada e não podia resolver.

Arranjos oligárquicos de décadas, como na Venezuela, Bolívia, Equador, ruíam deixando para trás uma elite pervertida e atônita. Regimes cruéis como o apartheid na África do Sul ou a ditadura de Pinochet no Chile foram substituídos por novos arranjos, onde os grupos subalternos passaram a desempenhar um papel central.

A nova ordem mundial proclamada na débâcle do socialismo soviético não se quadrava nos moldes do consenso ditado em Washington. Surgiam sinais inquietantes de contestação ao império global dos Estados Unidos.

Existe Alternativa - Da mesma forma, no interior das sociedades avançadas, na Europa e nos Estados Unidos (e por toda parte nos países onde uma florescente classe média urbana impunha-se no novo cenário social) surgia uma ativa crítica ao excessivo materialismo e mercantilismo da chamada Nova Ordem Mundial. Isso se dava através ora, a emergência de novas igrejas; de cultos milenaristas e salvacionistas de caráter regressivo; e de diversos e fundamentalismos.

Grandes vagas de movimentos sociais de protesto contra a destruição da natureza, da vida selvagem; de proteção às crianças ou outras minorias não atendidas, também atraíam a atenção e moldavam-se como alternativas a Ordem que emergira do fim da Guerra Fria.

O mega-movimento organizado em tono do chamado Fórum Social Mundial (inicialmente na cidade de Porto Alegre, depois em várias capitais

mundiais) erguia seu lema (“Outro Mundo é Possível”) como um ímã aglutinador do que seria chamado de altermundialismo, no final dos anos '90 e começo do novo milênio. Embora díspare em seus objetivos e alvos de interesse, algumas vezes até mesmo caótico posto que recusava a qualquer instituição, partido o governo um papel dirigente -, o altermundialismo conseguiu claramente impor uma agenda (ainda que precária) a governos, instituições multinacionais e grandes empresas. As noções de “desenvolvimento sustentável”, as chamadas “Metas do Milênio”, o Protocolo de Kyoto, os tratados de banimento das minas terrestres, do mercenariado de crianças, a criação de vários santuários naturais e a adoção pela ONU de uma agenda de combate ao racismo, ao sexismo machista e de debate da homofobia são resultantes em grande parte da agitação do movimento altermundialista.

Em alguns momentos, em Seattle (1999) ou Genova (2001), as reuniões de cúpula do chamado G-7 (depois, G-8) foram alvo de manifestações gigantescas de protesto dos movimentos alternativos em busca de “um outro mundo”, fazendo com que a chamada “opinião pública mundial” passa-se a ser, também ela, um ator global.

Eis aí, no âmbito da crise mundial, o papel do FSM na história recente dos movimentos sociais.

**Francisco Carlos Teixeira é professor Titular de História Moderna e Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).*

Fonte: Agência Carta Maior

2009: Destino da América Latina nas mãos da América Latina

** Emir Sader*

Embora condicionada por dois novos fatores externos –a recessão econômica e o novo governo dos EUA – a evolução da América Latina depende, sobretudo, das suas próprias formas de reagir à crise e, principalmente, se o fizer fortalecendo os processos de integração regional e a construção de alternativas ao neoliberalismo.

2009 será, para a América Latina, assim como para o mundo inteiro, dominado pelos efeitos da crise econômica internacional. Desta vez nascida no centro do capitalismo, terá efeitos diferenciados nos países do continente, conforme a capacidade de resistência de cada país, o que, por sua vez, está diretamente vinculada às políticas adotadas por cada país nos anos de crescimento, prévios à crise.

Ao mesmo tempo, uma série de eleições podem consolidar e até mesmo estender o quadro político dominado por governos progressistas ou afetá-lo em direções novas. Bolívia, Equador, El Salvador, Chile, Panamá,

Honduras, Uruguai – terão eleições presidenciais, enquanto Argentina, México, terão eleições parlamentares, e a Venezuela terá consulta de reforma constitucional. Provavelmente Evo Morales, Rafael Correa, Hugo Chavez, sairão vitoriosos dos testes eleitorais, enquanto a lista de governos progressistas deve se estender com a provável vitória da Frente Farabundo Marti em El Salvador. As eleições no Uruguai e no Chile têm um quadro mais aberto, no caso uruguaio mais pela disputa interna na Frente Ampla sobre quem será o candidato presidencial e suas possibilidades de unificar a Frente e conseguir granjear o apoio que tem o governo de Tabaré Vasquez. No caso chileno, a direita neopinochetista aparece como favorita, mas a decisão de voltar a ter um candidato democrata-cristão pode angariar votos do centro de dar um novo mandato à debilitada aliança com os socialistas, embora com um tom ainda mais moderado, caso cheguem a manter-se no governo.

As eleições parlamentares serão um teste para a capacidade do governo Kirchner de se recuperar do enfraquecimento sofrido com a crise agrária do primeiro ano do governo de Cristina. De qualquer forma, como nos outros países da região, as alternativas se situam à direita no espectro político, sem que nenhuma força mais radical tenha crescido. No México, o PRI deve capitalizar o enfraquecido governo de Calderón, diante da crise interna do PRD.

No seu conjunto, a crise não chegará a afetar os resultados eleitorais da esquerda, ainda que o apoio interno de governos que fundamentaram sua legitimidade em políticas sociais, possa diminuir.

A crise recessiva chega à América Latina interrompendo anos de expansão econômica, com alguns países em melhores condições para enfrentar seus efeitos, por ter participado dos processos de integração regional, ter intensificado o comércio regional, ter diversificado seus mercados externos e ter desenvolvido significativamente seus mercados internos. Nesta situação estão Argentina, Brasil, Bolívia, Equador, Uruguai, Venezuela. No outro pólo estão os que centraram suas políticas no livre comércio e em relações privilegiadas com os mercados do norte do mundo – de que o México é o caso paradigmático, tornando-se a principal vítima da crise induzida do norte para o sul do mundo.

Pode-se prever efeitos relativamente diferenciados dentro de cada grupo. A direita aposta na recessão e, com ela, no retorno dos seus temas preferidos – ajuste fiscal, aumento do desemprego, etc. Os países que dependem mais das exportações e dos preços das commodities tenderão a sofrer impactos maiores – como é o caso das exportações de petróleo, de gás, de soja -, no entanto, vale para todos a necessidade de intensificar o poder aquisitivo do mercado interno, como substituto relativo, tendo que enfrentar o desafio de não impor políticas restritivas no plano salarial e do nível de emprego, que só aumentariam o efeito da crise internacional.

Porém, a variável central sobre a evolução da situação latinoamericana está na capacidade de avanços conjuntos dos governos a partir dos

processos de integração. Atualmente as respostas tem se dado de forma separada – Brasil, Argentina, Uruguai, cada um com sua reação, a Alba, por outro. A proposta do Banco do Sul, por exemplo, que deveria ser substancialmente fortalecida, junto com seu desdobramento natural – a moeda única -, ao invés de estar entre as preocupações centrais, não tem avançado na conjuntura atual. Falta uma grande reunião da Unausul sobre a crise e as respostas conjuntas da região a ela, para que a crise seja, mais do que risco, oportunidade aproveitada para avançar na superação do esgotado modelo neoliberal.

**Emir Sader é professor, sociólogo e dirigente do Laboratório de Políticas Públicas na UERJ*

Material especial para debates nas escolas durante a Semana Pedagógica